

DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO FEMININO E BELEZA NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

SPEECHES AND REPRESENTATIONS OF FEMALE BODY AND BEAUTY IN THE CONTEXT OF POST-MODERN ERA

DISCURSOS Y REPRESENTACIONES SOBRE CUERPO FEMENINO Y BELLEZA EN EL CONTEXTO DE LA POSTMODERNIDAD

Fabio Lopes Alves¹

Eduardo Portanova Barros²

Tânia Maria Rechia Schroeder³

Resumo: O presente texto trata dos discursos e das representações sobre o culto ao corpo feminino, junto com suas formas acessórias de embelezamento e feminilidade, sob uma perspectiva contemporânea. O contemporâneo, aqui, se insere na interseção entre o moderno-pós-moderno. O cruzamento dessa natureza, que alguns identificam como a emergência da “pós-modernidade” (Maffesoli), procura observar, dentro de uma postura fenomenológica, o ambiente societal de manifestação do corpo feminino. Neste trabalho procuramos compreender as implicações da temática corporalidade na teoria social contemporânea, tendo como problemática os discursos e as representações sobre o corpo feminino. Dito de outro modo, a questão que aqui se apresenta é: se o culto ao corpo não é uma criação da pós-modernidade, mas ao mesmo tempo a pós-modernidade lhe traz algumas implicações próprias, como a teoria social contemporânea tem explicado esse fenômeno? De que maneira têm sido interpretadas sociologica-

¹ Doutor em Ciências Sociais, professor adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, autor do livro “Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício” (São Paulo, Arte&Ciência, 2010). É integrante dos seguintes grupos de pesquisa: IMAGINALIS/UFRGS e IMAGINAR/UNIOESTE. fabiodidu@hotmail.com;

² Jornalista, pós-doutor pela Sorbonne (Paris V), pós-doutorando no PPG em Ciências Sociais da Unisinos (PNPD/CAPES), doutor em Comunicação Social pela PUCRS e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Tradutor de “Sociologia do imaginário” (LEGROS, P. et ali, Porto Alegre: Sulina, 2007) e autor de “Truffaut, o homem que amava o cinema” (Canoas: Ed. da Ulbra, 2013). eduardoportanova@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e integrante dos seguintes grupos de Estudos e Pesquisas: VIOLAR/UNICAMP (Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude); IMAGINAR/UNIOESTE (Grupo de Pesquisas em Imaginário, Educação e Formação de Professores). Emails: taniamaria.rechia@hotmail.com ; taniamaria.rechia@hotmail.com.

mente essas coerções estéticas que possuem a tríade magreza/juventude/beleza como objetivo final, mesmo que para isso seja necessário efetuar uma série de sacrifícios em nome da pedagogia do corpo?

Palavras-chave: Corpo feminino, Gênero; Culto ao corpo; Pós-modernidade; Teoria Social.

Abstract: This paper deals with the discourses and representations about the cult of the female body, together with its accessory forms of beautification and femininity, from a contemporary perspective. The contemporary, here, is inserted at the intersection between the modern-post-modern. The crossing of this nature, which some identify as the emergence of "post-modernity" (Maffesoli), tries to observe, within a phenomenological attitude, the societal environment of manifestation of the female body. In this paper we seek to understand its implications in contemporary social theory. In other words, the question presented here is: how contemporary social theory has explained this phenomenon if the cult of the body is not a creation of postmodernity? How these have been interpreted sociologically in terms of the triad thinness / youth / beauty as ultimate goal, even if it is necessary to make a number of sacrifices on behalf of the pedagogy of the body?

Keywords: Female body; gender; body worship; post-modernity; social theory.

Resumen: El presente texto trata de los discursos y de las representaciones sobre el culto al cuerpo femenino, junto con sus formas accesorias de embellecimiento y femineidad, bajo una perspectiva contemporánea. El contemporáneo, acá, se inserta en la intersección entre el moderno-postmoderno. El cruzamiento de esa naturaleza, algunos identifican como la emergencia de la "postmodernidad" (Maffesoli), procura observar, dentro de una postura fenomenológica, el ambiente societal de manifestación del cuerpo femenino. En este trabajo procuramos comprender las implicaciones de la temática corporalidad en la teoría social contemporánea, teniendo como problemática los discursos y las representaciones sobre el cuerpo femenino. Dicho de otro modo, la cuestión que acá se presenta es: ¿si el culto al cuerpo no es una creación de la postmodernidad, pero al mismo tiempo la postmodernidad trae algunas implicaciones propias, como la teoría social contemporánea tiene explicado eses fenómeno? ¿De qué manera tiene sido interpretadas sociológicamente esas coerciones estéticas que poseen la tríade delgadez/juventud/belleza como objetivo final, mismo que para eso sea necesario efectuar una serie de sacrificios en nombre de la pedagogía del cuerpo?

Palabras-clave: Cuerpo femenino, Gênero; Culto al cuerpo; Postmodernidad; Teoría Social.

Na década de 1970, Jean-François Lyotard (2009) evocou o termo pós-moderno para refletir sobre a condição em que as pessoas viveriam no presente. É no bojo dessa discussão que este texto se apresenta. Fundamentado principalmente em Gilles Lipovetsky (2000a; 2000b), mas dialogando

com Jean Baudrillard (1991), Michel Maffesoli (1998; 2010) e Zygmunt Bauman (2010), entre outros, temos o objetivo de discutir alguns aspectos da relação culto ao corpo versus modernidade e pós-modernidade e algumas possibilidades de interpretação desse fenômeno pela teoria social contemporânea. Este versus tem um caráter mais dialógico do que dicotômico.

Não temos o objetivo, neste texto, de conceituar pós-modernidade, apontando para sua gênese e seus desdobramentos. Há vários estudos que fizeram essa análise (LYOTARD, 2009; GADEA, 2007). Importa, nesse sentido, dizer que, à luz de Maffesoli (2010) e Gadea (2007), não compreendemos a pós-modernidade como um determinado status conceitual, tampouco como uma fase histórica em que modernidade, pré-modernidade etc. apareceriam como recortes temporais, antecedendo a pós-modernidade. Mas, antes, como um fenômeno, uma sensibilidade específica. Maffesoli fala da pós-modernidade como mutação. Não seria, estritamente falando, uma nova fase no processo da história, e sim uma sensibilidade específica que, sempre e novamente, renasce em lugares e épocas diferentes (2010, p. 52).

Para Carlos Gadea,

o pós-moderno não pode ser um conceito em si mesmo, mas uma categoria que trata sobre as formas concretas das sociabilidades, adquirindo conceitualização como “fenômeno” ao descrever o que se expressa nas interações sociais. [...] De todas as maneiras, pode-se entender o pós-moderno como um conjunto de categorias analíticas nômades e de sensibilidades “outras” às que foram prevalecendo durante a dinâmica da modernidade. Consistiria, portanto, em uma perspectiva ou categoria analítica que permite entender a saturação e perda de sentido da legitimidade de uma episteme, assim como compreender o precário momento sócio-histórico no qual o moderno teve dificuldades para recriar-se. (GADEA, 2007, p. 123)

Diante desse cenário, e corroborando os autores acima sobre o fenômeno pós-moderno, o texto está estruturado da seguinte forma: num primeiro momento, tratamos de compreender se o culto ao corpo seria fruto da modernidade ou da pós-modernidade. Em seguida, discutimos algumas linhas de interpretação desse fenômeno pela teoria social contemporânea, procurando esboçar uma possível linha de hipótese de análise do culto ao corpo.

O historiador britânico Arthur Marwick, no livro “Beauty in history” (“A beleza na história”, sem publicação em português)⁴, defende a tese de que a história da beleza poderia ser pensada do seguinte modo: concepção

⁴ MARWICK, Arthur. *Beauty in history*. Londres: Thames and Hudson, 1988. Apud: LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a. p. 120.

tradicional versus concepção moderna. Dessa maneira, até o século XVIII predominaria o modelo tradicional, no qual a principal característica reside em não separar beleza física e virtudes morais. Assim, a beleza, no caso feminina, residiria em seus valores morais e não nos atributos de seu corpo. Aliás, nesse contexto histórico, a beleza corporal, por si só, teria pouco ou quase nenhum valor. Por outro lado, esse historiador defende que, progressivamente, esse modelo perde valor em nome da modernidade, que passa a definir a beleza como algo corporal estritamente pelos aspectos físicos, estéticos e sexuais, cujo valor se “autonomiza” e se distingue dos valores morais, contrariamente ao modelo da época anterior. Se adotarmos essa interpretação, é possível identificar o culto ao corpo como fruto da modernidade.

No entanto, por acreditar que o culto ao corpo, idolatria do belo sexo, é uma invenção anterior à modernidade, localizada na Renascença, Gilles Lipovetsky contesta veementemente o modelo explicativo acima descrito, e se posiciona do seguinte modo:

Digamo-lo claramente: discordamos radicalmente dessa interpretação da história da beleza, que limita em demasia o sentido da autonomização da condição da beleza e se engana quanto ao sentido histórico da idolatria do belo sexo. O que se passa na Renascença é menos uma repetição de uma visão tradicional do que a primeira manifestação do universo moderno da beleza. A ideia segundo a qual a beleza, definida como característica física autônoma, seria o critério que separa a visão moderna da visão tradicional não é aceitável. Sem dúvida houve, ao longo do século, emancipação da dimensão estética em face da dimensão moral, mas esse fenômeno tem uma importância histórica secundária se comparado ao que representa o processo de valorização e de dignificação social da beleza feminina. A beleza não entra na era moderna quando aparece como uma propriedade física pura, aliviada de significação moral, mas sim no momento em que a mulher é posta nas nuvens da encarnação suprema de beleza. (LIPOVETSKY, 2000a, p. 122)

Entendemos que, de fato, a construção do culto ao corpo, tendo a dimensão estética da beleza como objetivo final, não é fruto da modernidade, tampouco da pós-modernidade. Se o culto ao corpo não é algo que pode ser atribuído como característico da modernidade, nem mesmo da pós-modernidade, a questão que então se coloca é: existem diferenças que podem ser atribuídas ao culto ao corpo da modernidade que gere uma distinção do culto ao corpo da pós-modernidade? À luz de Gilles Lipovetsky (2000) é possível responder que sim. Vejamos então, algumas dessas diferenças.

No quadro da modernidade, o culto ao corpo feminino já se fazia presente. No entanto, pode-se atribuir como uma de suas características o fato de o culto ao belo sexo ter se desenvolvido em um quadro limitado nos

quais as massas, isto é, as pessoas comuns, não tinham condições de acesso. Pois as práticas estéticas quase não ultrapassavam os limites do público rico. De modo que fora dos círculos da sociedade superior, as valorizações da beleza tinham pouca difusão social. Portanto, na modernidade a celebração ao corpo manteve-se reservada em função de ser uma prática elitista (LIPOVETSKY, 2000a, p. 128).

No entanto, o diagnóstico acima não se aplica ao quadro da pós-modernidade.

Essa lógica já não é a que nos rege. Ao longo do século XIX, a imprensa feminina, a publicidade, o cinema, a fotografia de moda propagaram pela primeira vez as normas e as imagens ideais do feminino na escala do grande número. Como as estrelas, as manequins e as imagens de pin-up, os modelos superlativos da feminidade saem do reino da raridade e invadem a vida cotidiana. As revistas femininas e a publicidade exaltam o uso dos produtos cosméticos por todas as mulheres. Ao mesmo tempo, enceta-se uma dinâmica irresistível de industrialização e de democratização dos produtos de beleza. Desde há um século, o culto do belo sexo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. O desenvolvimento da cultura industrial e midiática permitiu o advento de uma nova fase histórica do belo sexo, sua fase mercantil e democrática. (LIPOVETSKY, 2000a, p. 128-9)

Portanto, aquela limitação do culto ao corpo que caracterizava a modernidade se irradiou, e pouco a pouco se democratizou. No quadro da pós-modernidade, assiste-se um novo ciclo histórico do culto ao corpo baseado na profissionalização do ideal estético. Em síntese, depois do ciclo elitista (modernidade) atravessamos a fase democrática, onde o culto ao corpo deixa de ser algo restrito e atinge todas as camadas sociais (pós-modernidade).

Nesse contexto, é válido retomarmos uma interpretação de Jean Baudrillard para compreendermos a razão pela qual a pós-modernidade não marca nem o fim, nem o começo do culto ao corpo. Pois é inválido imaginarmos que esse fenômeno desaparece ou aparece em função da modernidade ou pós-modernidade. Nada mais (nem mesmo Deus) desaparece pelo fim ou pela morte, mas por proliferação, contaminação, saturação e transparência, exaustão e exterminação, por epidemia de simulação, transferência na existência segunda da simulação, conforme Baudrillard. Já não há um modo fatal de desaparecimento, mas sim um modo fractal de dispersão (BAUDRILLARD, 1991, p. 100).

Dada essa popularização, tendo em vista que os produtos e práticas de embelezamento deixam de ser algo exclusivo de determinada classe, assistimos hoje uma verdadeira proliferação do mercado da beleza que visa a oferecer as mais diversas ferramentas e os mais diversos discursos para o culto ao corpo, aceitando, inclusive, os corpos diferentes do ideal de magre-

za. Há lojas para pessoas denominadas gordas e vemos propagandas com modelos acima do peso considerado ideal no universo estético, que valoriza a magreza.

Somos sabedores de que, por um lado o corpo feminino se emancipou de uma série de amarras que os cerceava. Mas, de outro, mesmo com essa liberação, seja ela de ordem sexual, política ou profissional, o corpo se vê submetido a uma série de coerções estéticas, capazes de gerar mais ansiedade do que as outras submissões enfrentadas no passado. Afinal, vivemos numa época em que os cuidados corporais, academias de ginástica, clínicas de emagrecimento, cirurgias plásticas, a cada dia, ganham mais adeptos. Vemos, cotidianamente, imagens, palavras e expressões como: emagreça, malhe, torne suas coxas duras, perca barriga, empine o bumbum, perca peso, perca calorias, perca gorduras indesejáveis, fique linda, entre outras. Somos bombardeados com isso diariamente na televisão, no rádio, na internet, em outdoors e nos intervalos comerciais. Todos estes discursos salientam a importância da manutenção do padrão corporal. Apesar de tais imagens serem dirigidas a homens e mulheres, não é possível negar que o universo feminino seja o mais atingido.

Gilles Lipovetsky é enfático ao afirmar que a importância atribuída à beleza não tem o mesmo valor no masculino e no feminino. Para ele, da mulher sempre se espera beleza. Lipovetsky diz que toda mulher sonha em ser bela e que todo homem sonha com mulheres lindas. Uma mulher nunca é bela demais, observa ele: quanto mais o é, mas irradia sua feminilidade. Para os homens, nada de semelhante: a imagem da virilidade não é em função da beleza, conforme o filósofo francês. “Hoje, como ontem, as expectativas em relação à beleza e ao valor a ela conferido não são equivalentes no masculino e no feminino” (LIPOVETSKY, 2000a, p.02).

Para esse filósofo, a condição privilegiada da beleza feminina e sua identificação com o “belo sexo”, ficam evidentes através da publicidade, concursos de beleza, produtos cosméticos, revistas, linguagens, músicas, moda, manequins, olhares masculinos e, também, pelo próprio desejo das mulheres. Essas ferramentas não cessam de reproduzir a importância da aparência para a constituição da identificação⁵ feminina. Vinícius de Moraes em seu poema “Receitas de mulher” ao registrar “as feias que me perdoem, mas beleza é fundamental” expõe algo que permeia o imaginário social no tocante à beleza feminina⁶. Imaginário que, para Gilbert Durand (1998), “cons-

⁵ Sobre as diferenças entre identidades e identificações, vide: Maffesoli (1987) e Barros (2008).

⁶ Segundo Lipovetsky (2000a, p. 102), nem sempre foi assim. Houve um período na história da humanidade que a mulher não representou a encarnação suprema da beleza. Desse modo, a relação beleza versus identificação feminina, é um fenômeno histórico. Para uma historiografia inicial desse período em que as mulheres não eram o belo sexo, até o momento em que se inicia

titui o conector obrigatório de qualquer representação humana” (p. 41). Se fizermos uma leitura da corporeidade sob o ponto de vista do imaginário, portanto, é descabido situá-la na pós ou na modernidade, porque, nele (o imaginário), as fronteiras se diluem. Durand (1997) analisa o imaginário conforme regimes ou polaridades. Para ele, o regime diurno tem relação com estruturas esquizomórficas (ou heróicas), como o ato de distinguir, lutar, enfrentar. No regime noturno, porém, as estruturas podem ser sintéticas (como na dialética dos antagonismos) ou místicas, como o ato de ligar, confundir, aproximar. Maffesoli diz (considerando este aspecto da Teoria Geral do Imaginário, ou seja, a polaridade entre os regimes diurno e noturno da imagem) que a sociedade, no atual momento, se reconhece melhor sob a forma de uma taça – acolhedora e íntima – do que na do gládio ou na do cetro, semelhante à luta, ao mito do progresso e ao sentimento fálico nas trocas sociais.

A questão que se apresenta diante do quadro anteriormente esboçado é: se o culto ao corpo não é uma criação da pós-modernidade, mas esta lhe traz algumas implicações próprias, como a teoria social contemporânea tem explicado esse fenômeno? Dito de outro modo, de que maneira têm sido interpretadas sociologicamente essas coerções estéticas que possuem a tríade magreza/juventude/beleza como objetivo final, mesmo que para isso seja necessário efetuar uma série de sacrifícios em nome da pedagogia do corpo?

Conforme ressalta Carlos Gadea, a função da sociologia não é efetuar especulações metafísicas, mas sim interpretar as ações dos indivíduos na “realidade social” e, principalmente, a maneira como eles dão significado aos fenômenos sociais (2007, p. 91). Portanto, no tocante ao culto ao corpo, a teoria social torna-se uma importante ferramenta, pois ela permite compreender como as pessoas dão significados às lógicas simbólicas próprias dos fenômenos corporais.

Maffesoli enfatiza:

É sempre instrutivo, para o observador social, estar atento à dialética entre o poder e a potência. Ao elaborar o ideal democrático a modernidade pôs a ênfase sobre o primeiro e, deste modo, valorizou a expressão conceptual e a visão teórica do mundo. Já a pós-modernidade tende a privilegiar a expressão imagética e o jogo das formas. (MAFFESOLI, 1998, p. 105 – Grifos nossos)

Portanto, quando se trata do culto ao corpo, acreditamos que a teoria social traz importantes contribuições quando privilegia como ponto de partida de seu olhar o jogo das formas que está por trás da construção corporal.

Diversos trabalhos que se debruçam sobre a questão do corpo na área das Ciências Humanas interpretam a lógica do culto ao corpo apontando

o culto ao beleza feminina vide: Lipovetsky, (2000a, p. 102–120)

para a existência de uma ditadura da beleza. Para essa linha de interpretação, as mulheres não possuem plena autonomia de seus corpos, tendo em vista que, retomando Michel Foucault (2009), argumentam que deva existir, para a submissão feminina, na qual elas estão inseridas, uma sociedade disciplinar cujas ferramentas tecnológicas definam o padrão de corpo ideal. Assim, assiste-se então, através do culto ao corpo, o reaparecimento dos corpos dóceis e disciplinados. Silvia Maria Lüdorf (2000; 2004), ao estudar os corpos nas academias de ginásticas, defende esse argumento ao afirmar que, de forma análoga aos corpos do século XVIII que estavam submetidos às docilidades disciplinares, na atualidade o corpo é submetido às “técnicas disciplinares contemporâneas” que visam a manter os corpos presos a determinadas práticas, para mantê-los disciplinados e dóceis. Destacam-se ainda, nessa linha de interpretação, os trabalhos que enxergam o culto ao corpo como uma forma contemporânea de normalização dos corpos, como em Soares (2009), César (2009), entre outros.

Percebemos uma ação midiática que visa a “determinar” o padrão de corpo aceitável e o padrão de corpo inaceitável. Por outro lado, retomando Michel Maffesoli (1998; 2010), partimos do princípio de que na lógica simbólica, própria da construção do culto ao corpo, seja possível que haja também o jogo das formas ou os “jogos das aparências que se inscrevem num vasto campo simbólico, o qual exprime um modo de tocar-se em relação com o outro, em suma, de fazer sociedade (2010, p. 141-2)”. A partir de Baudrillard (1991), encontramos, pela lógica da sedução, outra via de análise. Sem abandonar Foucault, mas por outro ângulo de exame, não nos esqueçamos das relações de poder que podem ser exercidas pelas mulheres a partir dessa ferramenta chamada construção do corpo. Em Gilles Lipovetsky, como veremos a seguir, há a possibilidade de analisar a construção do corpo feminino por uma via que não se limita a culpar a mídia como a grande responsável pela docilidade e disciplinarização do corpo feminino. Sem negar a influência midiática, há outras vias de análise possível para a teoria social.

Gilles Lipovetsky ao analisar a corporalidade defende que para estudar o corpo, a construção de beleza e as formas de coerções estéticas, exige-se, necessariamente, relacionar tais fenômenos às políticas industrial e mercantil de investimento no corpo como um novo mercado de incontornáveis ramificações. No entanto, para esse filósofo, nada seria mais redutor do que restringi-lo a essa dimensão econômica da oferta e do “consumo dirigido” (2000, p. 135). Dito de outro modo, explicar a lógica da construção social do corpo feminino argumentando que tal prática se constitui num fenômeno arquitetado por aqueles que desejam vender seus produtos, não passa de uma forma limitada de análise. De fato, não esqueçamos o caráter mercantil que há por trás dos constantes incentivos que estamos submeti-

dos, cuja ideia é a de manter o corpo dentro do padrão tido como ideal. No entanto, nessa cadeia há outros elementos que não podem ser perdidos de vista, tais como, conforme já apontado, as dimensões de poder e as reações sociais e culturais que essas mulheres evocam ao construírem seus corpos entre outros.

Para a construção do corpo, outra interpretação possível na teoria social é a de que o culto ao corpo, que preza pela magreza-juventude, não passa de um instrumento de esmagamento social e psicológico das mulheres, uma vez que elas não encontram outra saída a não ser se inserirem nessa lógica. Isto é, nesse processo, a mulher é vista como vítima da construção corporal. Nesse sentido, discordando dessa linha interpretativa, Lipovetsky ao abordar essa forma de explicação nos diz:

A interpretação é no mínimo insuficiente quando se observa que em nossos dias essas normas são impostas ao próprio sexo forte. Evidentemente, as mulheres são muito mais “tiranizadas” pelos homens, muito mais atingidas do que eles pelo ideal do corpo sem gordura. Mas também é verdade que estes, em nossas sociedades, querem igualmente emagrecer, vigiam seu peso e sua alimentação, fazem exercícios físicos para manter a linha e a forma. As mulheres não são as únicas a conhecerem a ascensão ao poder da cultura hipófbia. (LIPOVETSKY, 2000a, p. 136)

Logo, conclui-se da impossibilidade de assumir o argumento de que as mulheres não passam de vítimas desse fenômeno, tendo em vista que o culto ao corpo também atinge os homens. No entanto, mesmo partindo desse princípio, ainda há outras possibilidades que a teoria social nos apresenta. Sintetizemos as duas grandes formas de interpretação sociológica antagônicas entre si.

Atualmente, presenciamos grande exposição midiática das imagens constituintes do corpo perfeito. Esse fenômeno não deixou de ser visto, amparado pela teórica foucaultiana, como uma forma de tecnologia do poder disciplinar. De modo que a imprensa, através de suas constantes prescrições estéticas, estaria desempenhando uma verdadeira vigilância dos corpos, executando coerções microfísicas para quem estivesse fora do padrão de corpo ideal, normalizando as aparências por meio de seus exercícios que visem a manter o corpo jovem, magro e belo. Em síntese, na contemporaneidade, a imprensa, a publicidade, os concursos de beleza, os produtos cosméticos, as revistas, as linguagens, as músicas, a moda, os manequins etc. se constituiriam numa grande empresa que tem como meta a disciplinarização dos corpos, por meio de suas ferramentas tecnológicas de exercício de poder.

Novamente, Lipovetsky contesta as interpretações que enxergam na nossa época um novo poder social de normalização e de “racionalização”

dos corpos. Ao argumentar as razões que o levam a contrariar essa espécie de “culto ao corpo disciplinar”, esse filósofo apresenta importantes argumentos. Vejamos o que ele nos diz:

Situar essa lógica social no prolongamento da era das disciplinas é ser cego. Pois no lugar das injunções e regulamentos uniformes se desenvolve, de agora em diante, uma nebulosa de solicitações, de produtos e de recomendações que abrem espaço para a escolha, a iniciativa individual, os programas à la carte. A demarcação autoritária e dirigista sucedeu a desregulamentação consumidora e esportiva e seu cortejo de atividades de modelagem e de manutenção, sua abundância de prescrições dietéticas e de métodos emagrecedores, seu supermercado de produtos anti-rugas e anti-peso. [...] Se é inegável que o ideal de esbeltez gera um processo de homogeneização da aparência, os caminhos que levam a ela são cada vez mais heterogêneos. (LIPOVETSKY, 2000a, p. 145)

Nesse sentido, Lipovetsky argumenta de forma contrária à perspectiva que analisa esse fenômeno pela ótica de uma obediência cega e mecânica ou de uma docilidade automática do indivíduo, na qual o corpo disciplinado agiria dentro da limitação das engrenagens de uma máquina capaz de fabricar corpos.

Já não é essa lógica que nos rege no momento em que a informação e a diversificação da oferta implicam quase inevitavelmente a escolha, a decisão, a participação dos indivíduos. Quanto mais se impõe a norma homogênea do corpo magro e jovem, mais os sujeitos são obrigados a informar-se das “novidades”, a fazer escolhas entre as opções dietéticas e esportivas que lhes são oferecidas: o indivíduo protagonista substitui o indivíduo máquina. (LIPOVETSKY, 2000a, p. 145)

Desse modo, amparado em Gilles Lipovetsky, é possível percebermos a hipótese de que no quadro da pós-modernidade, quando se fala em culto ao corpo, vemos o declínio de corpo máquina cedendo lugar para o florescimento do corpo autocontrolado, que, mesmo sendo coercitivo, não deixa de mobilizar a iniciativa, a consciência e a motivação individual. Assim, teríamos a possibilidade de analisar através da noção “culto ao corpo pós-disciplinar” esse fenômeno social. Pois, “se é a disciplina que ‘fabrica’ corpos submissos e treinados corpos ‘dóceis’, é forçoso constatar que as normas pós-modernas da beleza estão longe de estar à altura dessa ambição” (LIPOVETSKY, 2000a, p. 147).

Ao adotar essa hipótese de análise, não podemos deixar de abordar a relação corpo versus sedução versus publicidade. Nesse sentido, o diálogo com Jean Baudrillard se torna útil, pois, em sua teoria, destaca, a partir da relação corpo feminino versus sedução, o argumento de que a dominação

não é masculina, conforme defendeu Pierre Bourdieu. Além de Baudrillard, a teoria da dominação masculina é veementemente contestada por Lipovetsky quando sintetiza:

No livro *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu sugere que, apesar de todas as transformações no imaginário ocidental do século XX, a condição da mulher permaneceu a mesma. Ele é cego. Não percebe o quanto o lugar da mulher na sociedade mudou. [...] Como então sustentar que todas as mudanças não passaram de meras aparências? A sociologia de certos intelectuais peca pela obsessão da crítica total. Trata-se, em realidade, insisto, de autolegitimação pelo excesso. (LIPOVETSKY, 2000b, p. 12)

Para Baudrillard, a dominação é também feminina. E a principal ferramenta dessa dominação é a sedução, que, por sua vez, encontra no culto ao corpo um espaço profícuo para seu exercício. “É o feminino como aparência que põe em xeque a profundidade do masculino. [...] aí reside o segredo de seu poder” (BAUDRILLARD, 1991, p. 15).

Ao discutir se o poder é feminino ou masculino, esclarece:

Todo o poder masculino é o poder de produzir. Tudo aquilo que se produz, seja a mulher produzindo-se como mulher, recai no registro do poder masculino. O único poder e irresistível poder da feminilidade é aquele, inverso, da sedução. Ele não é propriamente nada, não tem propriamente nada além de anular a produção. Anula-se sempre, porém. (BAUDRILLARD, 1991, p. 20-1 Grifos nosso)

Baudrillard, ainda, desconstrói muito do que se tem tomado como verdade, que a dominação masculina talvez não passe de uma história que permanece de pé. Para ele, “a hipótese inversa é perfeitamente plausível e, de certa maneira, mais interessante, a saber, que o feminino nunca foi dominado. Sempre foi dominante” (1991, p. 21).

Para aqueles que acreditam ser a sedução algo da esfera feminina, enquanto o poder seria da esfera masculina, de modo que o poder estaria acima da sedução, Baudrillard enfatiza: “A sedução é mais forte que o poder” (1991, p. 56). Por isso, não se trata aqui de negar a existência da dominação masculina em nome da dominação feminina. O que se pretende enfatizar é que a dominação é tanto masculina quanto feminina e quando se trata da dominação feminina a sedução tem sido utilizada como uma importante ferramenta.

Conforme já apontamos, a publicidade é uma das grandes propagadoras do culto ao corpo e da sedução, o que abre precedente para que a mulher seja vista como a consumidora ingênua diante da sociedade de consumo. Ao refletir sobre a sedução, pós-modernidade e publicidade, Gilles

Lipovetsky (2000b) não analisa de modo pessimista essa relação. Ao contrário, defende a tese da existência de um conteúdo emancipador nessa tríade tão condenada, pois, em sua visão, tanto a moda quanto a publicidade mais liberam do que oprimem os sujeitos.

A publicidade, a sedução e a pós-modernidade têm servido de *sparring* para intelectuais em busca de legitimação. Enquanto isso, nas ruas, as pessoas seduzem, promovem-se, sonham, consomem e ignoram solenemente a retórica do apocalipse. O cadáver insepulto da modernidade é pranteado aqui e ali, embora, no essencial, já não passe de um emblema do passado, como uma dessas estátuas recolhidas das praças centrais dos países de socialismo real. Queira-se ou não, desembarcamos na pós-modernidade. (LIPOVETSKY, 2000b, p. 10-11)

Zygmunt Bauman, por sua vez, também enxerga o aspecto positivo da construção de identidade elaborada pelo mercado. Segundo ele,

a vantagem das identidades promovidas pelo mercado é que são complementadas por elementos de aprovação social – posto que introduzidas por meios publicitários que as pessoas parecem aprovar –, aplacando assim a agonia da busca de confirmação. A aprovação social não precisa ser negociada, uma vez que foi, por assim dizer, construída desde o começo na forma de um produto de mercado. (BAUMAN, 2010, p. 142)

Desse modo, à luz dessa teoria, não precisamos negar a existência de um mercado consumidor de beleza. O que contrariamos é a hipótese da passividade desses consumidores como se eles não tivessem nenhuma margem de escolha. A esse respeito, Zygmunt Bauman ao discutir a mercantilização da identidade, nos revela que:

o mercado oferece ferramentas de produção de identidade capazes de gerar resultados diferentes, sendo portanto personalizados. O mercado nos permite organizar os vários elementos de um completo identikit para a montagem de um faça você mesmo (FVM) de um self customizado. (BAUMAN, 2010, p. 142)

Portanto, é preciso que a teoria social também reflita sobre o que as mulheres querem dizer à medida que, se valendo desses identikits, constroem seus corpos sem perder de vista a sedução, e com uma lógica simbólica própria, como disse Baudrillard, colocam em xeque as estruturas do masculino.

O objetivo deste ensaio foi mostrar que um diálogo entre Lipovetsky, Maffesoli, Baudrillard, Bauman, entre outros, oferece importantes ferramentas de análise para a teoria social contemporânea. Estes autores permitem in-

terpretar o fenômeno do culto ao corpo por vias que não caminhem, necessariamente, pela perspectiva em que as mulheres são vistas como vitimizadas e que adotam meras práticas panópticas arquitetadas pela mídia e publicidade. Portanto, ensaiamos aqui a hipótese de que no quadro da pós-modernidade, a teoria social contemporânea, se valendo da perspectiva de gênero, pode interpretar esse fenômeno de diversas maneiras, em que gênero, satisfação pessoal, sedução, beleza, ação e poder de escolhas não podem ser esquecidos. Pois as mobilizações femininas que, com uma pluralidade de escolhas, usando da sedução a seu favor, circulam e transitam por espaços antes não circuláveis; ainda pela sedução, desmancham formas de poder e dominação. A partir do culto ao corpo, desempenham uma série de relações de poder. Enfim, a questão que se coloca é: na sociedade contemporânea o culto ao corpo, em vez de tornar as mulheres passivas, vitimizadas e sem opção de escolhas, não estaria, pelo contrário, permitindo que elas assumissem o papel de protagonistas com uma pluralidade de escolhas em diversas situações?

O papel do homem não é menos problemático. Acostumado a ser o provedor do lar, o homem, hoje, perdeu a noção de estabilidade, mesmo os que ainda têm um emprego, aparentemente, fixo. O fato de dispor de mais tempo para si, mesmo no ambiente profissional, como criar espaços de convívio com os colegas e preferir o eufemismo à polêmica, altera a forma como ele, homem, se vê. E alterar a forma como se vê é fazer uma auto-crítica do que é. A consciência de si, não mais focada no progresso e no futuro, e sim no presente, cria uma ambivalência no culto ao corpo. Se a mulher ocupou o espaço de trabalho do homem, o homem ocupou o espaço de lazer da mulher. E começou a se comparar com ela, mesmo não querendo ser mulher (ou querendo, dependendo do caso). Em Porto Alegre, e não deve ser muito diferente em outras capitais, algumas academias de ginástica só admitem mulheres, o que é uma prova cabal de que a mulher procura recuperar seu espaço, hoje invadido por homens.

O corpo na pós-modernidade, considerando-a como o espaço da intimidade e da sedução, pode ser característico de um hedonismo cotidiano. Na modernidade, porém, a do marxismo-leninismo, que parece sobreviver por teimosia de seus simpatizantes, o corpo tinha de ser funcional. Precisava-se dele para esta ou aquela função. Assim, quando falamos, no início do texto, de corpo “versus” modernidade ou pós-modernidade, leia-se: dialogia. No raciocínio dialógico, as polaridades são, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas. Logo, não é possível, de fato, estabelecer com clareza se o fenômeno da corporeidade (e suas respectivas interpretações) pertence a este ou aquele período. Porém, se considerarmos o atual momento como pós-moderno, já seria possível, apenas por esta distinção, que serve mais de contraponto teórico do que vivência (esta sendo uma mescla do moderno-pós-moderno), observarmos algumas características marcantes tanto numa

como noutra época. E foi essa, na verdade, nossa tentativa.

Referências:

BARROS, Eduardo Portanova. Maffesoli e a “investigação do sentido” - das identidades às identificações. **Revista Ciências Sociais** Unisinos. v. 44, n. 3, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

BAUMAN, Zigmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

CESÁR, Maria Rita de Assis. (Des)educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2009.

GADEA, Carlos. Paisagens da pós-modernidade: cultura, política e sociabilidade na América Latina. Itajaí: Univali, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

LIPOVETSKY, Gilles. Sedução, publicidade e pós-modernidade. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 12, junho, 2000b, p. 7-13.

LÜDORF, Sílvia Maria. **Do corpo design à educação sociocorporal**: o corpo na formação de professores de educação física. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

LÜDORF, Sílvia Maria. Os corpos das academias de ginástica: uma reedição dos corpos doces. In: **Anais do IX Congresso dos Países de Língua Portuguesa**. São Luis: Maranhão, 2000.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SOARES, Carmem Lúcia. Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

Recebido em 10/11/2012, aceito em 01/11/2013